

## A SYPHILIS PERANTE A HISTORIA.

Correu animada e instructiva a discussão sobre a syphilis na sociedade das sciencias medicas. Dualistas e unicistas hastearam alto as respectivas bandeiras, não tendo faltado a uns e a outros, para sustentarem as suas opiniões, os argumentos deduzidos da observação propria e alheia, nem os que abundantemente fornece a historia da sciencia em semelhante objecto. Quizeramos só, que n'esta discussão, aonde a erudição foi aliás tão habilmente manuseada por alguns dos oradores, se tivesse feito mais justiça á memoria dos auctores peninsulares e com especial á dos portuguezes. Não ouvimos nomear Antonio Nunes Ribeiro Sanches, e no entanto desaggravou elle, em bem elaborada memoria historica, os descobridores da America de terem sido os que d'ali trouxeram a syphilis á Europa, contestando, e bem, os argumentos de Astruc e dos outros, que mais contribuíram para se originar uma semelhante opinião; e sustentando por isso depois a controversia que teve com o que fôra companheiro no banco da escola com Vins Witen, um dos partidarios da importação americana. N'esta questão historica as primeiras auctoridades a attender são as peninsulares, e especialmente as hespanholas, tendo sido hespanhoes os que primeiro navegaram para a America, e hespanhoes os que deviam dar testemunho dos factos por essa occasião occorridos; e a algumas d'essas testemunhas se soccorrem com effeito os que defendem a origem americana da syphilis; mas antes de sabermos como os escriptores francezes ou outros estranhos á peninsula, interpretam e referem o que a um semelhante respeito ali se passou, precisâmos nós saber como o fazem os que estiveram mais perto dos acontecimentos, consultando por isso os proprios auctores peninsulares. Não podemos ter na materia juizo critico mais completo e seguro do que o feito por Morejon na sua *Historia bibliographica de la medicina española*, obra verdadeiramente classica, que poucos paizes possuem igual na sua litteratura medica, e que para nós tem o duplicado interesse que resulta de reunir com a bibliographia medica hespanhola em boa parte tambem a portugueza, difficéis em verdade de bem tratar separadas. Com as rasões de casa Morejon demonstra, como Sprengel e outros o fizeram, por certo não mais cabalmente, que a syphilis e na Europa e no mundo flagello muito mais velho do que a descoberta da America. Folheando a classica bibliographia hespanhola ou peninsular feriu-nos a

attenção o que escrevêra na materia o licenciado Villalobos em 1493, quer dizer pouco depois de aportarem á Hespanha os descobridores da America no regresso das suas primeiras viagens. Villalobos, como o fez Fracastor, escreveu em verso, cantou a syphilis, não duvidando arrastar assim as musas por campo de tanta impureza, e ao poema que escreveu, deu o titulo de *Las contagiosas y malevolas bubas*. Pelos extractos que vamos dar da obra se avaliarão os motivos do nosso reparo.

Começa o auctor por assignalar o facto do desenvolvimento que teve a doença no reinado de Fernando e Izabel, e com isso nem uma palavra diz sobre a origem americana, opinião sem duvida que só appareceu mais tarde. Falla assim da doença:

Fue una pestilencia nunca vista jamás  
Em metro, ni en prosa, ni en sciencia, ni estoria,  
Mui mala y perversa, y cruel sin compás,  
Y mui contagiosa, y mui sucia en demás,  
Muy brava, y en quien nó se alcanza victoria.  
La cual hace al hombre indisposto y gibado,  
La cual en mancar y doler tiene extremos,  
La cual esuere el color aclarado,  
Es muy gran bellaca, y asy ha comenzado  
Por el mas bellaco logar que tenemos.

Passa depois em revista as causas diversas a que se attribuiu a pestilencia, começando pela opinião dos theologos, que viam n'isso a cholera divina contra as christandades, tibias então na guerra contra os infieis e que tambem reconheciam no flagello o justo castigo contra a excessiva luxuria que dominava:

..... en que hoy peca la gente  
Y muestar se propia y mui justa sentencia,  
Cual es el pecado tal la penitencia,  
La parte pecante es la parte paciente,  
Por este pecado en la sacra escriptura  
El rey Faraon le hallaran tenella,  
Porque el fué vencido de gran formosura  
De Lava, y hirióle Dios en su natura  
De áquesla passion ó de otra como ella.

Outra opinião foi a dos astrologos, que accusavam de originar o flagello a conjunção dos planetas Saturno e Marte. e isto porque:

Saturno és señor de la acenta passion,  
Y Mars de los miembros de la generacion,  
Por donde este mal nel comenzo ha venido.

A estas opiniões segue-se a dos medicos, que por fim não estavam mais adiantados no conhecimento das causas da doença. Os quatro humores e a sua alteração, tão supposta como para todos os da especie humana o ponto de partida de todas as divagações que se chamavam explicação ou determinação das causas que as geravam. A tendencia para considerar a syphilis doença não de todo nova appa-

rece no escripto, quando o auctor a confronta com a sarna do Egypto e o saphati dos medicos arabes. No que Villalobos porém, prima, é no modo porque indica os symptomas e a marcha da enfermidade. Descrevendo-lhe as primeiras manifestações diz elle:

Mas cuando en tal miembro esta huba ó llagueta  
Mayormente si es *sindolor y esta dura*  
Dolor de cabeça y color negrecita,  
Espaldas cargadas y el sueño se quita,  
Y aquelle que suena es enloco y no cura,  
En labios y en parpados de ojos negrura,  
Y en su trabajar perozoso y aflicta,  
Y tiene la vista turbada y escura;  
A tal como á este si tienes cordura  
Dirás que le viene la sarna de Egypto.

São, diz o auctor, estes os signaes que annunciam a doença; quando esta apparece, são as dores nos ossos, as pustulas, as exostoses, etc., o que a torna manifesta.

N'esta curta descripção não podem destacar melhor uns dos outros os symptomas primitivos; e os que se desenvolvem ulteriormente para instituir a verdadeira syphilis; vemos a ulcera do membro formando o phenomeno primordial, e causando a infecção principalmente quando o cancro é indolente e duro. Os unicistas de hoje não o dizem melhor, e os dualistas não fariam de outro modo, se em vez de forçarem os factos, e inventarem cancros mixtos, se contentassem de afirmar, com a observação de todos os tempos: que em regra o cancro duro é o infectante, mas que alguma vez o póde ser tambem o cancro molle.

B. A. Gomes.

(*J. da S. das S. Medicas de Lisboa*)

## CIRURGIA

RESSECÇÃO DOS DOUS TERÇOS INFERIORES DO HUMERUS EM CONSEQUENCIA DE FRACTURA DO CÔLO CIRÚRGICO.

Pelo Dr. J. A. de Freitas.

Ha alguns annos fui chamado para dar minha opinião sobre um cazo de fractura do côlo cirurgico, em uma criança do sexo feminino, de 6 annos de idade, que mezes antes havia fracturado o humerus em consequencia de uma queda. Logo que teve lugar esse successo, o medico chamado, ou não reconheceu a fractura, ou applicou tão mal o apparelho de redução e contensão, que não poude impedir, que um dos fragmentos atravessasse as partes molles e viesse apresentar-se fora. N'este triste estado pretendeu amputar ou desarticular o braço. Não sugeitando-se, porém, os paes á opinião do medico, trouxerão-na para esta cidade, limitando-se tão somente

o pratico a extrahir o fragmento osseo, que se apresentava no exterior.

Forão aqui consultados varios facultativos e todos os que a virão, votarão pela amputação immediatamente.

O estado da doente quando a examinei era o seguinte: na altura do côlo cirurgico havia uma falsa articulação com duas fistulas, as quaes forão tenteadas pelo stilete, e tocava este em superficies osseas desnudadas e escabrozadas, tanto para cima como para baixo; nos dous terços inferiores do humerus havia varias fistulas, communicando com o exterior, e dando de si um puz saniozo. Os tecidos estavam endurecidos e de uma cor vermelha arroxada, e o jogo da articulação humero-cubital ainda se exercia regularmente.

Depois de maduro exame. votei pela ressecção dos dous terços inferiores do humerus. Aceita que foi essa opinião pela familia, marquei o dia, em que devia ter lugar a operação, a qual foi praticada do modo seguinte: chloroformizada a doente, fiz duas incisões lateraes ao longo dos bordos externo e interno do braço, desde o ponto fracturado até á articulação, e uma terceira incisão em direcção transversal caindo sobre as duas primeiras ao nível da articulação, comprehendendo n'essas incisões todos os tecidos molles até o osso. Dissecado que foi o grandé retalho pela face posterior do humerus, virei-o sobre a parte posterior do braço, e tratei de abrir a articulação, protegendo com todo o cuidado o nervo cubital da acção do instrumento cortante; e logo que o instrumento penetrou a articulação, dirigi-o de modo a separar as partes molles que cubrião a face anterior do mesmo humerus. Logo que terminei essa dissecção, passei a examinar o fragmento superior, que constituia a cabeça do humerus e a regularisar a sua superficie traumatica; findo o que reuni os bordos da solução de continuidade por meio de pontos de costura e tiras aglutinativas: colloquei o braço em um caixão de folha de Flandres, de modo que accomodando o braço, não permittisse, que se deslocasse por qualquer movimento, quer da parte do doente, quer do exterior; condição indispensavel para o bom resultado da operação. Alem da hemorragia capillar, não foi ferida nenhuma outra arteria, e nem tão pouco nervos que correm pelo braço.

No fim de 15 dias estava a cura completa e retirava-se a doente para o reconcavo onde rezidia.

Decorrido algum tempo encontrei a doente assentada e cosendo sobre uma almofada, com